



## **TECNOPOLÍTICAS DO *FAKE* VÍRUS NA ECONOMIA SEXUAL DA MORTE: O REGIME *LIVE* DO GOVERNO NA PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL**

### **TECHNOPOLITICS OF THE FAKE VIRUS IN THE SEXUAL ECONOMY OF DEATH: THE GOVERNMENT'S LIVE REGIME IN THE COVID-19 PANDEMIC IN BRAZIL**

### **TECNOPOLÍTICA DEL FAKE VIRUS EN LA ECONOMÍA SEXUAL DE LA MUERTE: EL RÉGIMEN VIVO DEL GOBIERNO EN LA PANDEMIA DE COVID-19 EN BRASIL**

Ribamar José de Oliveira Junior<sup>1</sup>

 10.21665/2318-3888.v9n18p109-129

#### **RESUMO**

O copo de leite na mesa, a caixa de hidroxicloroquina na mão e o conteúdo impróprio na piada infantil, as *lives* transmitidas por Jair Bolsonaro durante o primeiro ano da pandemia da Covid-19 no Brasil parecem explorar a realidade e cosmetizar a necropolítica, sobretudo, na produção de verdade que busca a prerrogativa do poder. Através da analítica foucaultiana do discurso, foi possível notar nas transmissões de maio a setembro de 2020 como o modo *lifestream* pode construir o personagem político do mito por meio de ficções que parecem operar como terapia ideológica para determinados grupos. A supremacia branca, o panóptico ingerível do farmacopoder e a pornografia sutil aparecem como alguns dos eixos do capitalismo gore no Brasil que, no efeito de placebo, hasteia a bandeira nacional nos valores da família e no argumento da cristofobia.

**Palavras-chave:** Comunicação. Live. Necropolítica. Covid-19. Gênero e Sexualidade.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Comunicação e Cultura (UFRJ). E-mail: ribamarjunior@ufrn.edu.br.

## ABSTRACT

The glass of milk on the table, hydroxychloroquine box in hand and inappropriate content in children's joke, the lives transmitted by Jair Bolsonaro during the first year of the pandemic Covid-19 in Brazil seem to explore the reality and cosmetizar the necropolítica especially in the production of truth that seeks the prerogative of power. By Foucault's analytic discourse, it was noticeable in the transmissions from May to September 2020 as the lifestream so can build the political myth character through fictions that appear to operate as an ideological therapy for certain groups. White supremacy, the ingestible panopticon of pharmacopower and subtle pornography appear as some of the axes of gore capitalism in Brazil which, in the placebo effect, raises the national flag on family values and on the argument of cristophobia.

**Keywords:** Communication. Live. Necropolitics. Covid-19. Gender and Sexuality.

## RESUMEN

El vaso de leche en la mesa, la caja de hidroxiclороquina en la mano y el contenido inapropiado en el chiste infantil, las vidas transmitidas por Jair Bolsonaro durante el primer año de la pandemia Covid-19 en Brasil parecen explorar la realidad y cosmetizar la necropolítica, arriba todo, en la producción de la verdad que busca la prerrogativa del poder. A través del análisis del discurso de Foucault, se pudo constatar en las retransmisiones de mayo a septiembre de 2020 cómo el modo Lifestream puede construir el carácter político del mito a través de ficciones que parecen operar como terapia ideológica para determinados colectivos. La supremacía blanca, el panóptico ingerible del farmacopoder y la pornografía sutil aparecen como algunos de los ejes del capitalismo gore en Brasil que, en el efecto placebo, enarbola la bandera nacional sobre los valores familiares y sobre el argumento de la cristofobia.

**Palabras clave:** Comunicación. Vivo. Necropolítica. Covid-19. Género y sexualidad.

## “O vírus é uma invenção da mídia”<sup>2</sup>

No dia 14 de maio de 2020, às 19 horas, a teórico-ativista Helena Vieira participou de uma *live* com a filósofa Sayak Valencia que debateu a temática “Transfeminismo: resistências e violações”<sup>3</sup> pelo Youtube. Ao todo, a transmissão ao vivo contou com o número de 2.020 visualizações e rendeu algumas perguntas dos espectadores sobre a pandemia, os corpos e a violência. Do Brasil, tive a oportunidade de fazer uma das perguntas para Valencia que se desdobrou nas reflexões preliminares deste trabalho: “Sayak, como podemos articular a lógica gore do capitalismo para compreender o cenário político do Brasil, sobretudo, pela forma como Bolsonaro pode exacerbar a precariedade diante dos corpos?”. Do outro lado da tela, no México, Sayak me responde e aponta as relações entre sexualidade e pandemia através da compreensão de uma lógica que gesta o medo pela violência e pelo poder.

Assim, com o objetivo de desdobrar a reflexão na resposta de Valencia, este artigo procura analisar os comentários de Bolsonaro no regime *live* a partir das transmissões realizadas durante o primeiro ano da pandemia do Covid-19 no Brasil, de maio a setembro de 2020, em sua dimensão tecnopolítica de produção da verdade na gestão do necropoder diante da economia sexual da morte. Para tanto, considero a analítica foucaultiana de discurso para entender como a cultura da visualização produz no regime *live* assimetrias com o cenário disruptivo das políticas pós-morte. Nesse sentido, vale destacar o que Sontag (1984) traz sobre a doença como metáfora em seu modo mistificador contra o cenário de novas expectativas e o pavor agudo do contágio. “Uma vez que o interesse da metáfora se deve precisamente a ela se referir a uma doença tão carregada de mistificação e da fantasia de inescapável fatalidade” (SONTAG, 1984, p. 54).

Ao lado das reflexões de Valencia (2010) sobre o capitalismo gore e das noções de Preciado (2018) sobre a era farmacopornográfica, procuro situar o cenário pandêmico no

---

<sup>2</sup> Declaração de Bolsonaro durante discurso em Miami, nos Estados Unidos, dia 10 de março de 2020. Ver mais em <g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/10/bolsonaro-diz-que-questao-do-coronavirus-e-muito-mais-fantasia.ghtml>.

<sup>3</sup> Para assistir a *live* completa pelo Youtube: <www.youtube.com/watch?v=p7lzKfRIPgA>.

Brasil nos comentários de Bolsonaro. Entre a biopolítica e a verdade sobre o sexo em Foucault (2015), procuro relacionar o contexto da necropolítica e a coreografia masculinista do Estado por meio das abordagens de Mbembe (2018) e Valencia (2017), respectivamente. Ao pensar sobre o exercício discursivo do comentário em Foucault (2019), considero três *lives* realizadas por Bolsonaro para analisar as tecnopolíticas de produção da verdade, diante das economias sexuais da morte, nos termos de Valencia e Zhuravleva (2019). Enfim, o regime *live* e a economia de *likes*, de acordo com Valencia (2018) e Bentes (2017), aparecem nas transmissões de Bolsonaro diante da fabricação de realidades estetizadas nas lógicas predatórias do que pode ser visto como “Estado Milícia” (Bentes, 2020). Desse modo, cabe destacar a partir do discurso de Bolsonaro o que Butler (2017) traz como o princípio do poder que assujeita pela forma com que assume de modo psíquico a identidade pessoal do sujeito.

Nesse sentido, diante dos casos de violência sexual e de gênero na pandemia do novo coronavírus no país, vale destacar que o assassinato de mulheres cresceu no primeiro semestre de 2020, segundo o Monitor da Violência do G1<sup>4</sup>. Nos primeiros seis meses de 2020, o total de 1.890 mulheres foram mortas violentamente durante a pandemia, apontando o aumento de 2% em relação ao mesmo período em 2019. Do mesmo modo, o assassinato de pessoas trans teve aumento de 70% em relação ao mesmo período do ano passado, com o total de 129 mortes nos oito primeiros meses de 2020, enquanto durante o ano de 2019 inteiro o número foi de 124 assassinatos, de acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra)<sup>5</sup>. Em 2019, 99%<sup>6</sup> da população LGBTQIA+<sup>7</sup> disse não se sentir segura no Brasil, tendo em vista que 11 pessoas foram agredidas diariamente no país.

---

<sup>4</sup> Dados do Monitor da Violência, uma parceria do G1 com o Núcleo de Estudos da Violência da USP e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Ver mais em: <[g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/09/16/assassinatos-de-mulheres-sobem-no-1o-semester-no-brasil-mas-agressoes-e-estupros-caem-especialistas-apontam-subnotificacao-durante-pandemia.ghtml](http://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/09/16/assassinatos-de-mulheres-sobem-no-1o-semester-no-brasil-mas-agressoes-e-estupros-caem-especialistas-apontam-subnotificacao-durante-pandemia.ghtml)>.

<sup>5</sup> Segundo o Boletim Nº 4/2020 divulgado pela Antra. Ver mais em:

<[antrabrasil.files.wordpress.com/2020/11/boletim-5-2020-assassinatos-antra.pdf](http://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/11/boletim-5-2020-assassinatos-antra.pdf)>

<sup>6</sup> De acordo com o Dossiê dos Assassinatos e da Violência contra pessoas trans divulgado pela Antra. Ver mais em: <[antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf](http://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf)>.

<sup>7</sup> LGBTQIA+ é a sigla utilizada para lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros, queer, intersexuais e assexuais.

A partir disso, como cenário possível para pensar o que chamo de terapia ideológica diante da forma como os eleitores de Bolsonaro na pandemia se referem ao coronavírus na metáfora do *fake* vírus, destaco a performance<sup>8</sup> realizada em Brasília no dia em que o país atingiu o número de 10 mil<sup>9</sup> mortes. Durante o ato, manifestantes encenaram mortes com caixão funerário ao som da canção *Thriller* do cantor Michael Jackson, vestiram camisa com o nome “fake vírus” e falaram no microfone que o “coronavírus mata, mas muito menos do que dizem por aí”. Embora os manifestantes não soubessem que de 10 mil, o número de vítimas ultrapassaria 500 mil<sup>10</sup>, vale destacar que a performance simboliza o avesso gore das políticas pós-morte que lidam com a violência da necropolítica. De outro modo, por mais que utilizem dos valores morais e cristãos para afirmarem, através do discurso de Bolsonaro na coreografia masculina do Estado, o que pode ser chamado de “cristofobia”, como proferido pelo presidente no discurso da ONU<sup>11</sup>, os eleitores manifestantes parecem não saber que estão próximos do proletariado farmacoponográfico que fabrica realidades enquanto hasteia a bandeira nacional.

## **As tecnopolíticas do mito: o gore da Disneyheterossexual-land<sup>12</sup> de Bolsonaro**

No sentido de refletir sobre os mecanismos do poder aprimorados pelo Ocidente a partir do século XVII, Foucault (2015) destaca que apenas o confisco não foi a forma principal de exercê-lo, pois o poder estava destinado a produzir forças e ordená-las. Assim, o direito de morte característico do poder soberano se apoia nas requisições de um poder que gera

---

<sup>8</sup> Ato realizado no dia 9 de maio de 2020, em Brasília. Ver mais em:

<[www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/09/interna\\_politica,853123/bolsonaristas-dancam-com-caixao-e-negam-10-mil-mortes-mata-muito-men.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/09/interna_politica,853123/bolsonaristas-dancam-com-caixao-e-negam-10-mil-mortes-mata-muito-men.shtml)>.

<sup>9</sup> Dados confirmados pelas secretarias estaduais de Saúde. Ver mais em:

<[saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-ultrapassa-10-mil-mortos-pelo-coronavirus,70003297927](http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-ultrapassa-10-mil-mortos-pelo-coronavirus,70003297927)>.

<sup>10</sup> Segundo o G1: <[saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-ultrapassa-10-mil-mortos-pelo-coronavirus,70003297927](http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-ultrapassa-10-mil-mortos-pelo-coronavirus,70003297927)>.

<sup>11</sup> Assista ao discurso de Bolsonaro na íntegra em: <[www.youtube.com/watch?v=70fUQd45ETw](http://www.youtube.com/watch?v=70fUQd45ETw)>.

<sup>12</sup> Em live realizada no dia 5 de março, Bolsonaro afirmou que ser um homem heterossexual passou a ser qualidade, sobretudo, aos quesitos de ser honesto e trabalhador. Assim, relaciono a declaração com o que Preciado (2013) articula sobre o falo e a heterossexualidade diante do pênis como significante despótico na metáfora da Disneyheterossexual-land. Ver mais em: <[www.youtube.com/watch?v=K8z5SUBkZT8](http://www.youtube.com/watch?v=K8z5SUBkZT8)>

a vida, ou seja, empreende a sua gestão positivamente, pois, para o autor, o poder é exercido no nível da vida. “São mortos legitimamente aqueles que constituem uma espécie de perigo biológico para os outros” (FOUCAULT, 2015, p. 148). As instituições de poder garantiram a manutenção das relações biopolíticas, inventadas no século XVIII como técnicas de poder (a família, a escola, a polícia e etc.) que operam como fatores de segregação e hierarquização social, garantindo os efeitos de hegemonia.

De acordo com Foucault (2015), a era do biopoder possui de um lado a disciplina, atribuída aos corpos, e do outro lado a demografia, aliada às táticas do poder, que não estarão apenas no nível do discurso especulativo, mas sim na forma de agenciamentos concretos que constituirão a tecnologia do século XIX. Ao demonstrar que a noção de biopoder é insuficiente, Mbembe (2018) explica os contextos na macroestrutura da biopolítica que opera na vida para a necropolítica que gerencia a morte. Dessa forma, o autor relaciona o conceito foucaultiano de biopoder com o estado de exceção e o estado de sítio, tecendo uma leitura da política como trabalho de morte entre a relação de inimizade que produz o inimigo ficcional. Diante da noção de necropolítica e necropoder, cabe a criação dos “mundos de morte” entre o terror, a liberdade, o mártir e a redenção. “O poder necropolítico opera por um gênero de reversão entre a vida e a morte, como se a vida não fosse o médium da morte” (MBEMBE, 2017: 65).

Nesse sentido, Mbembe (2018) reflete que o futuro pode ser antecipado, mas não no presente tendo em vista o rigor da vida e a julgamento por morte, ambos marcados pelo excesso e pela máscara mortuária. Assim, o valor das pessoas aparece na sua utilidade e o horror pela morte se torna satisfação quando ocorre com a ficção criada do outro, pois a “soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é” (MBEMBE, 2018, p. 41). Do controle sobre os corpos às tecnologias de destruição, o autor traz que a generalização da insegurança aprofunda a distinção social na medida em que a escolha se dá entre a vida e a morte, entre aqueles que têm armas e os que não têm. A guerra estaria para além dos Estados soberanos, travada entre grupos que agem por trás da máscara do Estado, pela formação do que aparece como “economias de milícia”, diante das máquinas de guerra e da geografia da extinção em determinados contextos.

Na esteira de Mbembe (2018), ao destacar a vulnerabilidade extrema na predação do mercado neoliberal, Valencia (2010) assinala o que seria o capitalismo gore<sup>13</sup> frente à reinterpretação da economia global no cenário da violência explícita, sobretudo, pela forma como os corpos podem se tornar produtos de intercâmbio que alteram e rompem as lógicas do processo de produção de capital. Para a autora, o corpo e a vida humana se tornam literalmente uma mercadoria rentável, dada à lógica do capitalismo mundial aplicada ao desenvolvimento de países economicamente precarizados. À vista disso, as práticas gorem seriam formas ultraviolentas de produzir capital através da acumulação da morte como negócio que reflete nos números do sistema. Assim, cabe destacar o que Mbembe (2017) situa como a liturgia terapêutica e as escatologias messiânicas do discurso político sobre o utilitarismo e o consumismo na inversão da democracia.

Dessa forma, ao mencionar na transvaloração do Estado-Nação em Mercado-Nação, Valencia (2010) afirma que o desenvolvimento atual do capitalismo extrapola o necropoder dada as formas de produção e consumo que modificam as estruturas de vida. A violência se desenvolve ao lado da especulação e do espetáculo, da economia legal e ilegal, que perpassam o enriquecimento econômico por meio de processos predatórios, articulados pela dimensão sistemática descontrolada e contraditória do projeto neoliberal, visto como produto das polarizações econômicas e dos bombardeios publicitários. É o que a autora aborda sobre os sujeitos endríagos e o necroempoderamento como modo de vida dentro do sistema neoliberal masculinista em colapso. Os endríagos são sujeitos que encontram nas práticas gore um enxerto para criar condições de viver na inversão feroz do capitalismo, no lado em que a permanência no sistema e a ascensão social se derivam na legitimidade da violência por economias subsumidas, a exemplo do crime organizado e do tráfico de drogas.

No avesso do capitalismo neoliberal, o necroempoderamento como ferramenta de ascensão influi nos processos políticos, sociais e culturais do sistema financeiro mundial. Para Valencia (2010), a distopia incide nas ruínas do tempo presente sem o amanhã. Ao citar Preciado (2018) sobre a insuficiência teórica-conceitual para explicar a produção de

---

<sup>13</sup> O termo faz referência ao subgênero cinematográfico gore que apresenta um repertório audiovisual carregado de violência explícita e do derramamento de sangue.

valor e da vida na sociedade contemporânea, em reflexo ao regime farmacorpornográfico, a autora explica que o capitalismo gore segue do pós-fordismo, como desdobramento da crise energética e da queda das cadeias de montagem que recaem na busca por novos setores de economia global, a exemplo da indústria bioquímica, eletrônica, informática e da comunicação. Se Preciado (2018) destaca as transformações industriais do século XX na gestão política do corpo, do sexo e da sexualidade, Valencia (2010) acrescenta a gestão da violência por meios autorizados, a exemplo do Estado na socialização do consumo, e por meios desautorizados, a exemplo dos sujeitos endríagos nas zonas sociais de exclusão.

Diante da violência e dos meios de comunicação, Valencia (2010) traz que a informação é um poder à serviço do ganhador, tendo em vista o papel da notícia como ferramenta para a supressão de qualquer dissenso. “Los medios de comunicación como sobre-expositores de la violencia que naturalizan para los espectadores, a través de un constante bombardeo de imágenes, hasta convertirla en un destino manifiesto ante el cual sólo cabe resignarse”<sup>14</sup> (VALENCIA, 2010, p. 158). Assim, os acontecimentos nos meios de comunicação e no entretenimento *mass media* refletem as sobrerrepresentações pela saturação da informação. Entre a fantasia e a realidade, a produção de imagens no capitalismo tem instaurado o real como horrorizante que cada vez mais se parece com a ficção, porém se diferencia da fantasia pelo irreparável e palpável da realidade. Assim, a autora diz que a produção de imagens midiáticas constrói a ficção no argumento da não-ficção, pois são os meios de comunicação atrelados às práticas gore aparecem como fenômenos “desrealizados” que invertem o real pelo espetáculo espectral da violência.

---

<sup>14</sup> “Os meios de comunicação como sobre-expositores da violência que se naturaliza para o espectador, através de um bombardeio constante de imagens, até se converter em um destino manifesto ao qual só se pode resignar-se” (Tradução nossa).

## **A terapia ideológica do *fake* vírus: a cobaia do proletário farmacopornográfico**

Desse modo, ao transpor a análise de Valencia (2017) do México para o Brasil, cabe ressaltar o papel da performance de gênero masculino na configuração do Estado que ganha contorno na reprodução da hegemonia da coreografia de masculinidade, pois conforme foi possível perceber desde o episódio do *golden shower*, as construções de gênero no contexto brasileiro estão relacionadas com o Estado, tendo em vista o eixo do capitalismo gore balizado no heteropatriarcado. Nesse sentido, Preciado (2018) explica que a hegemonia farmacopornográfica tem origem no capitalismo moderno, mas sucede das transformações dos sistemas medievais do final do século XV que dariam lugar às economias industriais e coloniais, à ficção biopolítica dos Estados-Nação e aos regimes de saber técnico-científico. O corpo moderno biopolítico, articulado por Foucault, em Preciado (2018) aparece não mais pela superfície inscrita na punição e no poder, mas na interioridade em que a vida e o controle político ocorrem sobre o tráfego, a comunicação e o espaço da circulação química.

Nesse regime saber-poder, o corpo se torna um sistema de comunicação inflado, aberto e expandido na industrialização farmacológica do espaço doméstico, a exemplo do que o autor cita como panóptico comestível em que o controle e a vigilância acontecem a partir de dentro do corpo como um laboratório miniaturizado, onde o biopoder dorme conosco. “Na era farmacopornográfica, o corpo engole o poder. É uma forma de controle ao mesmo tempo democrática e privada, ingerível, inalável e de fácil administração, cuja propagação pelo corpo social nunca foi tão rápida ou tão indetectável (PRECIADO, 2018, p. 223). Por meio de uma somatopolítica da economia mundial, Preciado (2018) estende as análises do capitalismo cognitivo nas modalidades atuais de produção das economias sexuais para o que seria o “farmacopornismo”, ou seja, um modelo de produção que infiltra e domina o fluxo excitação-frustração de capital pela temporalidade masturbatória, pelas estéticas virtuais e pelos dispositivos de autovigilância imediata que afetam a difusão da informação na vida.

Do biopoder à biopolítica, Bentes (2017) traz a transição das tecnologias de assujeitamento diante da emergência das políticas de resistência no limiar da economia de *likes*. Assim, a cultura de celebridade em Valencia (2018) dialoga com que Bentes (2017) aborda sobre o novo estágio da cultura *pop* no fluxo estetizado. De certa forma, vale dizer que o regime *live* perpassa uma “memética virótica produtora de *lovers* e *haters* instantâneos e que produz uma economia própria, outro mercado das subjetividades e das vidas-linguagens, que emergem do cotidiano, do território, de uma atenção e cuidado de si redobrados” (BENTES, 2017, p. 107). Ao levar em consideração a dimensão sensível dos dispositivos na reprogramação da subjetividade capitalística, Valencia (2018) estabelece a cultura de celebridade, o regime *live* e a psicopolítica digital na fabricação de realidades estetizadas diante da cristalização das lógicas predatórias do neoliberalismo, sobretudo, pela ordem psicopolítica do uso das telecomunicações de uso portátil. Isso se aproxima do que Han (2018) destaca sobre a liberdade e a comunicação ilimitada se transformarem em formas de monitoramento e controle total, graças à autorrevelação e à autoexposição voluntária do usuário diante dos panópticos digitais.

Assim, a autora parte da premissa de que a programação audiovisual na era *on-line* da nova televisão e da *e-comunicação* fabricam formas de pensar e legitimam determinadas perspectivas em detrimento de outras. À vista disso, os elementos de propagação aparecem nos marcos da percepção, no consumo e na estetização da realidade baseada no regime *live*, entendido como aquele que extrapola a realidade através dos dispositivos visuais e reelabora a produção da verdade pelos algorítmico e pelo *big data*<sup>15</sup>. As *lives* possuem quatro principais características: a supressão visual da separação público-privado, o arranjo do tempo sem duração, a costemização das imagens e a despolitização crítica. Afinal, quando na *live* do dia 24 de setembro Bolsonaro critica a “politização do vírus”<sup>16</sup>, a relação com a transmissão condiciona um discurso que articula um “nós” até porque o poder produz o sujeito. “Consideramos que o sujeito não seja apenas formado

---

<sup>15</sup> É interessante destacar o que Pasquinelli (2009) traz com o diagrama do capitalismo cognitivo a partir da produção de dados no que diz respeito a acumulação e a reapropriação do valor. Assim, na inversão do panóptico foucaultiano, a máquina perceptiva da economia da atenção captura tempo e trabalho e transforma a inteligência geral social em valor de rede. O *big data* aparece pelos monopólios de dados acumulados mediante ao algoritmo na mais-valia de rede.

<sup>16</sup> Declaração de Bolsonaro durante *live*: <[www.youtube.com/watch?v=-4vo-vjUuNE&t=5s](https://www.youtube.com/watch?v=-4vo-vjUuNE&t=5s)>.

pela subordinação, mas também que a subordinação forneça a condição de possibilidade contínua de sujeito” (BUTLER, 2017, p. 16).

Desse modo, as plataformas de transmissão e os dispositivos fazem parte da prerrogativa do neoliberalismo e da captura do regime sensível na vida cotidiana, produzindo mutações cognitivas e perceptivas na maneira como a população responde politicamente aos fenômenos sociais. Se Valencia (2018) traz como exemplo disso o caso de Trump nas eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016, aponto uma possível relação da psicopolítica digital e da realidade estetizada com o caso de Bolsonaro nas eleições presidenciais do Brasil em 2018, sobretudo, no reflexo da atualidade dos efeitos sociais e políticos da situação na pandemia. Por isso, cabe destacar que a ascensão de Bolsonaro e a aprovação do seu governo pelos eleitores durante o cenário pandêmico no primeiro semestre no Brasil, cuja aprovação subiu no segundo semestre e é a melhor desde o início do mandato, segundo o Datafolha<sup>17</sup> no número de 37% dos brasileiros que consideram o seu governo ótimo ou bom, aparece como um possível reflexo da cultura de celebridade e da despolitização crítica sedimentadas pela costemização de imagens da morte e da fabricação de realidades estetizadas.

Nesse sentido, quando menciona Trump, Valencia (2018) explica que o presidente norte-americano tem atualizado e promocionado discursos retrógrados e reacionários baseados na agressividade econômica, política, racial, de gênero e religiosa. Para isso, ela destaca duas vertentes do governo que dialogam com o que trago na perspectiva de Bolsonaro: o nazinacionalismo em seu bojo da classe branca empobrecida e a direita alternativa que almeja com o movimento juvenil reformular a nova direita. É a partir disso que Valencia (2018) pontua que o conservadorismo racista e misógino tem utilizados dos aparelhos de última geração para remodelar os ideais, sofisticar os discursos e ludificar as estéticas na psicopolítica digital das plataformas virtuais, no sentido de capturar as subjetividades e emoções das populações. A partir dos sete primeiros meses de crise no balanço da pandemia, Cocco (2020) mostra como o impacto letal do negacionismo no Brasil aparece

---

<sup>17</sup> Pesquisa divulgada pelo jornal Folha de S. Paulo no dia 13 de agosto. Ver mais em: <[www1.folha.uol.com.br/poder/2020/08/aprovacao-a-bolsonaro-sobe-e-e-a-melhor-desde-o-inicio-do-mandato-diz-datafolha.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/08/aprovacao-a-bolsonaro-sobe-e-e-a-melhor-desde-o-inicio-do-mandato-diz-datafolha.shtml)>.

como uma tendência por meio de uma catástrofe. No caso dos países latino-americanos, ele observa a piora dos indicadores independentemente das políticas de contenção desde marco de 2020, nas quais interpelam os comentários analisados de Bolsonaro durante as *lives* no Brasil.

Portanto, ao mencionar a construção da figura política na posição do governo, relaciono as três dimensões que a autora traz para refletir sobre o mandato de Bolsonaro para os seus eleitores: entre o negócio e o espetáculo, ele pode ser visto como um *show-business-man* que o conecta como mito por uma cultura de celebridade; ele encarna a figura de um anti-herói das séries de televisão e filmes hollywoodianos retratada pelos códigos técnicos, visuais, semióticos dos memes que, segundo Chagas (2018), são vistos como um epifenômeno da comunicação política que populariza a superficialização do debate; as interações dele em “tempo real” se apropriam do regime *live* para produzirem uma realidade mais fascinante e espectral. O que Valencia (2018) quer apontar com essas dimensões é a forma como os repertórios de sentido geram o que ela chama de capital humano que se desdobra no indivíduo, tanto em sua narrativa cotidiana como nas redes sociais virtuais pelo *lifestream*. “Os assim chamados aparelhos *smart* recebem esse nome menos pelas vantagens que podem oferecer para um indivíduo do que por sua capacidade de integrar seu usuário de forma mais completa a rotinas 24/7” (CRARY, 2014, p. 46).

No caso de Bolsonaro, cabe dizer o quanto o personagem político pode ser tido como emblemático ou mitificado no *copyright* pelos eleitores que cultivam o mandato na cultura de celebridade e na influência do regime *live*. Assim, o “mundo mentira” em Valencia (2018) aparece na forma como o real e o irreal mostram a gestão do governo-empresa para a população, sobretudo, na relação com o conglomerado empresa-político-militar que intersecta o corpo-consumidor pelo *big data* nas “democracias fascísticas” através da conquista algorítmica dos campos dos afetos e das identificações. Desse modo, é interessante pontuar o que Valencia e Zhuravleva (2019) abordam sobre as políticas pós-morte a partir da economia sexual, principalmente, diante de uma modernidade-colonialidade ocidental que se expande em territórios colonizados, onde a vida aparece na governança neocolonial e a morte aponta uma tecnologia civilizadora como forma de doutrinação.

## O regime *live*: o copo de leite, a hidroxicloroquina e a criança sexualizada

Assim, nas engrenagens tecnopolíticas entre o capitalismo gore e o neoliberalismo farmacopornográfico, considero pontos específicos no discurso Bolsonaro pelo regime *live* durante a pandemia. Com foco em três *lives* transmitidas pelas redes sociais do presidente, analiso a forma com que os comentários<sup>18</sup> conjuram os acontecimentos sobre a violência. Na esteira do que Bentes (2020) pontua a partir do “Estado Milícia”, visto como a confissão de que o Estado oficial não consegue mais dar conta do bem-estar social e trabalha de modo corporativo e empresarial na máfia organizacional do limiar entre o legal e o ilegal, procuro demonstrar pela análise do discurso como prática governamental o contexto em que a população aparece como cobaia pela violência expressiva, na reconversão da vida em morte.

Na primeira *live*, realizada no dia 28 de maio de 2020, destaco o momento em que Bolsonaro toma um copo de leite puro durante a transmissão em homenagem aos produtores de leite do Brasil. Na ocasião, o presidente afirma que participa do “desafio do leite”, proposto pela Associação Brasileira dos Produtores de Leite (Abraleite), para incentivar a indústria leiteira durante crise motivada pelo novo coronavírus. No entanto, naquele dia, Bolsonaro não faz nenhuma referência ao balanço do Ministério da Saúde que registou<sup>19</sup> 26.764 mortes e 438.812 casos de Covid-19 no Brasil. Além disso, ele alegou na *live* que os números de mortes pela doença, no Rio de Janeiro, teriam diminuído após intervenção da Polícia Federal que na época investigava a irregularidade na compra de

---

<sup>18</sup> Situo o horizonte analítico de Foucault (2019), a partir dos procedimentos internos e externos da ordem do discurso para considerar as *lives* de Bolsonaro. Para o autor, as práticas formam de modo sistemático as falas e os discursos utilizam dos signos para designar coisas. Nesse caso, utilizo do procedimento externo da “vontade de verdade” e do procedimento interno do “comentário” para fazer aparecer e descrever o que aparece designado pelo presidente. Assim, o comentário abre para a criação de novos discursos enquanto a vontade de verdade exerce a influência sobre os tais discursos, sobretudo, no modo com os saberes podem ser atribuídos a sociedade.

<sup>19</sup> Dados levantados pelas secretarias estaduais de Saúde no dia 28 de maio de 2020. Ver mais em: <[g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/28/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-28-de-maio.ghtml](http://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/28/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-28-de-maio.ghtml)>.

respiradores. “Acho que a PF mata vírus”, diz Bolsonaro enquanto toma leite em tom cômico como brinde para Tereza Cristina, Ministra da Agricultura.

No reflexo dos gestos e das ações do presidente, o ato de beber leite apareceu de modo ofensivo pela oposição do governo em referência à supremacia branca que utiliza da bebida para afirmar a pureza racial através da ascensão de grupos de extrema-direita, a exemplo dos *alt-rights*<sup>20</sup> estadunidenses que emergem em 2017. Em resposta nas redes sociais, o filho do presidente, Eduardo Bolsonaro, publica uma foto em seu perfil no Twitter<sup>21</sup>, do ator Lázaro Ramos e da atriz Taís Araújo em comercial da empresa de laticínios Italc, que chega a 37,1 mil curtidas e engaja 10,1 mil comentários. Embora a questão se encaixe no panorama das guerras culturais *online*, conforme traz Nagle (2017) a exemplo dos *alt-rights* no culminaram das eleições de Trump nos Estados Unidos, cabe ressaltar o cenário mais amplo para o crescimento de sites neonazistas no Brasil a partir do discurso de Bolsonaro.

Segundo um levantamento<sup>22</sup> realizado em 2020 pela Safernet, organização não-governamental que monitora sites radicais, em maio, no mesmo mês da *live* de Bolsonaro, foram criadas 204 novas páginas de conteúdo de células neonazistas no Brasil, enquanto em outubro de 2018, após os resultados das eleições presidenciais no segundo turno, chegou a atingir o pico de 441, quando em setembro do mesmo ano havia apenas 89. Assim, por meio do discurso de Bolsonaro que se assemelha ao que seria o apito de cachorro, pela referência a um código indiscriminado à supremacia na *live*, o copo de leite significa a radicalização da violência decorativa pela economia de *likes* na internet a partir da polaridade política, emergindo de frentes supremacistas iconizadas, por exemplo, no *emoji* do copo de leite nas interações por meio de memes nas redes sociais. Como aponta

---

<sup>20</sup> A trajetória do movimento de direita alternativa aparece na abordagem de Nagle (2017) sobre o que a autora chama de guerras culturais, originadas por esse movimento em sites anônimos como *4ach* e *8ach* popularizados no período da eleição do presidente Trump nos Estados Unidos. A autora destaca a forma como o movimento político despreza ideais de esquerda e ocupa a contracultura como expressão alternativa dos ideais de extrema direita.

<sup>21</sup> Link de acesso para o *tweet* na publicação do Twitter de Flávio Bolsonaro: Disponível em: <<https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1266765802088411136>>.

<sup>22</sup> Dados levantados pela Safernet e divulgado pelo El País no dia 9 de junho de 2020. Ver mais em: <[brasil.elpais.com/brasil/2020-06-10/sites-neonazistas-crescem-no-brasil-espelhados-no-discurso-de-bolsonaro-aponta-ong.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-10/sites-neonazistas-crescem-no-brasil-espelhados-no-discurso-de-bolsonaro-aponta-ong.html)>.

Chagas (2021), os memes bolsonaristas se constituem na materialidade e na imagética do humor de extrema-direita, atuando na conformação de uma audiência que reverbera uma retórica como câmaras de eco, a exemplo dos grupos de WhatsApp que normalizam os discursos extremistas como válvula de escape do humor.

Na segunda *live*, realizada no dia 16 de julho de 2020, Bolsonaro recomendou o uso da hidroxicloroquina no tratamento contra o Covid-19 sem comprovação científica. Em isolamento, o presidente fez a transmissão sozinho após ser diagnosticado com o novo coronavírus e defendeu o medicamento a partir do seu próprio tratamento com a substância. “Ainda tem Estado que tá proibindo a tal da cloroquina, a hidroxicloroquina. Tá proibindo, se não tem alternativa, por que proibir?”, indaga Bolsonaro, segurando uma caixa do remédio que pode ser tido pela cápsula como um panóptico comestível do proletariado farmacopornográfico. Enquanto isso, o consórcio de veículos de imprensa havia divulgado<sup>23</sup> os dados das secretarias estaduais de Saúde, consolidados às 20h, no total de 1.299 mortes, somente nas últimas 24h daquele dia, chegando ao total de 76.822 óbitos e 2.014.738 infectados com o novo coronavírus. No mesmo momento, Bolsonaro critica governadores e prefeitos que decretaram *lockdown*, no argumento de que o decreto tem causado suicídio e depressão, e fala que a imprensa fraudas os números de mortos. Ao relembrar das manifestações voluntárias de apoio ao seu governo, “que vem do coração do povo brasileiro”, ele destaca o número expansivo da audiência da *live* nas suas redes.

Após declarar no dia 9 de setembro que “ninguém é obrigado a tomar a vacina”<sup>24</sup>, Bolsonaro teria incentivado de modo indireto nas manifestações de apoio ao seu governo a organização de possíveis grupos conspiracionistas antivacina<sup>25</sup>, a exemplo do dia 19 de

---

<sup>23</sup> Dados divulgados pelo G1 no dia 16 de julho de 2020. Ver mais em: <<https://g1.globo.com/resumo-do-dia/noticia/2020/07/16/quinta-feira-16-de-julho.ghtml>>.

<sup>24</sup> Declaração de Bolsonaro durante audiência com o grupo “Médicos pela Vida”. Ver mais em: <<https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/cloroquina-poderia-ter-salvado-40-mil-vidas-diz-bolsonaro-sem-citar-fonte>>.

<sup>25</sup> Inclusive, o movimento teria divulgado que a vacina contra o Covid-19 viria da China com a tecnologia nanochip para monitorar a localização e a imunidade pela rede 5G. Nesse ponto, cabe refletir sobre o paradoxo da apropriação das reflexões do capitalismo cognitivo pelo eleitorado que utiliza do *fake news* para se organizar na rede. Ver mais em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/05/08/bill-gates-vacina-monitorar-pessoas/>>.

julho<sup>26</sup>, quando estava com Covid-19, encontrou apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada e exibiu a embalagem de hidroxicloroquina que foi saudada pelos seus eleitores. Em Curitiba, Paraná, no dia 7 de setembro<sup>27</sup>, manifestantes do grupo “Curitiba Patriota” protestaram contra a vacina a favor do tratamento de cloroquina para a população. “Não queremos a vacina, nós temos cloroquina!”, dizia um dos cartazes manifestados. Assim, vale destacar os dados do DataFolha que apontaram no dia 16 de agosto que 89% dos brasileiros querem se vacinar, enquanto 9% não querem, e no dia 15 de agosto que 47%<sup>28</sup> culpam Bolsonaro pelas 100 mil mortes pelo Covid-19, enquanto 41% disseram que ele é um dos culpados, mas não o principal; embora 11% considerem o presidente culpado e 2% não sabiam.

Na terceira *live*, realizada no dia 10 de setembro, Bolsonaro aparece ao lado da *youtuber* Esther, uma criança de 10 anos, e confessa que não sabia o que era misógino até perguntar para o seu assessor. “Misógino. Eu confesso. A primeira vez que gritaram ‘misógino’ para mim eu não sabia”. Em seguida, Bolsonaro abre o debate sobre o significado do termo para a equipe que está presente durante a transmissão: “Mozart, o que é misógino? Você é misógino, Mozart? Se você não gosta de mulher, você gosta de homem, então. Eu fiquei sabendo naquele momento”, completa. Ao trazer o exemplo de quando uma senadora do Pará estava em uma audiência pública sobre o que ele chama de “kit gay”<sup>29</sup>, Bolsonaro insere a criança no debate quando direciona a pergunta: “E ela não gostou da minha presença lá e falou que eu era misógino. Então, se eu não gosto de mulher, é sinal de que eu gosto de homem. Quem não gosta de mulher, gosta de homem, é isso?”.

Sem saber como continuar o diálogo de Bolsonaro, Esther apenas afirma o que supõe como certo pelo comentário no discurso do presidente: “Mas é feio isso aí. Tem que ser certinho, gente, para vocês terem um futuro bem legal lá na frente”. Além disso, o presidente volta a falar da vacina com a criança e procura na fala dela afirmar a eficácia

---

<sup>26</sup> Momento que aconteceu durante as manifestações. Ver mais em:

<<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/07/19/bolsonaro-provoca-aglomeracao-e-faz-propaganda-da-cloroquina-no-alvorada.ghtml>>.

<sup>27</sup> Para assistir cenas do ato: <[www.youtube.com/watch?v=z2Kw7ViLQKI&feature=emb\\_title](http://www.youtube.com/watch?v=z2Kw7ViLQKI&feature=emb_title)>.

<sup>28</sup> Pesquisa do Datafolha divulgada pelo G1: Ver mais em: <[bityli.com/DhHFq](http://bityli.com/DhHFq)>.

<sup>29</sup> O chamado “kit gay” fazia parte do projeto Escola Sem Homofobia que estava no programa do governo federal Brasil Sem Homofobia de 2004. Link de acesso: <[g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml](http://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml)>.

da hidroxicloroquina pela vontade de verdade. “Você gosta de tomar vacina?”, questiona ele. “Eu gosto. É muito melhor do que tirar sangue”, responde ela. “Mas você tomaria qualquer vacina, sem comprovação científica?”, retoma o presidente. “Sim”, insiste a youtuber. Embora tenha mencionado o suposto “kit gay” durante a *live*, no dia 29 de abril, Bolsonaro publica<sup>30</sup> sem citar fontes verídicas, no seu perfil no Facebook, diretrizes falsas da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre masturbação e relações homossexuais para crianças de 0 a 6 anos.

“Essa é a OMS que muitos dizem que devo seguir no caso do coronavírus. Deveríamos então seguir também suas diretrizes para políticas educacionais?”. Na publicação, ele incita o papel das diretrizes que afirmam: “crianças de 0 a 4 anos de idade sentem satisfação e prazer ao tocar o próprio corpo \*masturbação\*, expressam suas necessidades e desejos, por exemplo, no contexto de \*brincar de médico\*, possuem sentimentos sexuais mesmo na primeira infância; crianças de 4 a 6 anos de idade tem uma identidade de gênero positiva, sentem gozo e prazer ao tocar o próprio corpo, praticam masturbação na primeira infância; possuem relações entre pessoas do mesmo sexo”, ele pontua na publicação que, em pouco tempo, foi apagada. Enquanto isso, o relatório da CPI<sup>31</sup> das *Fake News* destaca que o Governo veiculou mais de 2 milhões de anúncios em sites pornográficos, de 6 de junho a 13 de julho de 2019, além de utilizar de meios em rede por meio de informações falsas e jogos de azar. De acordo com o documento, 65.533 canais na internet atenderam a mais de 47 milhões de anúncios do Governo Federal, sendo que 4,37% dos anúncios foram veiculados em conteúdos classificados como inadequados, dentre eles, conteúdos sexuais com o total de 27 anúncios.

---

<sup>30</sup> No Estadão foi publicado o *post* apagado no dia 30 de abril de 2020. Ver mais em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-acusa-oms-de-incentivar-masturbacao-e-homossexualidade-em-criancas,70003288228>>.

<sup>31</sup> Dados divulgados pelo G1 no dia 3 de junho de 2020. Ver mais em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/03/anuncios-pagos-pelo-governo-foram-veiculados-em-mais-de-2-milhoes-de-canais-com-conteudo-inadequado.ghtml>>.

## O país de maricas enfrentando a pandemia<sup>32</sup>

Portanto, ao analisar os comentários de Bolsonaro pelo discurso no recorte de três *lives* realizadas durante a pandemia, no intervalo de dois meses entre as transmissões, resalto a forma como o contexto necropolítico aparece cosmetizado e estetizado pela narrativa *lifestream* que constrói o personagem político mitificado e pelo argumento ficcional que alcança a economia de *likes* em rede. Como uma espécie de terapia ideológica, os comentários do presidente induzem os eleitores a serem cobaias de um laboratório farmacopornográfico, legitimado pelas práticas gore do neoliberalismo e pelo exercício do poder na subjetividade endrúga. Quando mencionou que o Brasil precisa deixar de ser um “país de maricas” no dia 10 de novembro de 2020, Bolsonaro parece minimizar a pandemia através da lamentação das mortes que poderiam ter sido evitadas.

Assim, a doença como metáfora e o coronavírus como *fake* vírus disputam a produção de verdade e constroem um “mundo mentira” mais fascinante do que a própria realidade da violência, visibilizando a cultura de celebridade do presidente e ocultando a economia sexual da morte. Enquanto os valores cristãos e da família tida como tradicional brasileira são os pilares do Estado na governança neocolonial, o discurso do presidente entra em sintonia com o farmacopornismo, a exemplo do investimento de publicidade em sites de conteúdo pornográfico e da produção de hidroxicloroquina diante da necropolítica dos cadáveres enterrados em valas comuns. No que diz respeito às armadilhas do neoliberalismo farmacopornográfico, Bolsonaro parece utilizar do artifício do medicamento para estabelecer uma forma de manter o vínculo com os eleitores e afirmar o controle superficial da vida em cima da gestão densa e oculta da morte.

De tal modo, as guerras culturais do neonazismo, o inquérito das *fake news* e a publicidade em sites impróprios despontam no negacionismo da morte. Ao destacar os aparatos tecnoalgorítmicos e as plataformas digitais, apropriados pelo conservadorismo e pela misoginia, cabe ressaltar que o governo não trabalha apenas com dados e bens, mas com

---

<sup>32</sup> Declaração de Bolsonaro no dia 10 de novembro de 2020. Ver mais em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/bolsonaro-diz-que-brasil-tem-de-deixar-de-ser-pais-de-maricas-e-enfrentar-pandemia-de-peito-aberto.ghtml> >.

estratégias de recuperação e de instauração de novas aristocracias cognitivas capazes de aperfeiçoar ideologias pela economia algorítmica da atenção. Assim, a suposta supremacia branca, o panóptico comestível do farmacopoder e a pornografia sutil aparecem como alguns dos efeitos do capitalismo gore no Brasil que, na forma de placebo, hasteiam a bandeira nacional. “A quantidade de comentários de ‘ódio do bem’ em minha *timeline* não é novidade alguma! Mesmo assim, um forte abraço a todos e fiquem com Deus!”<sup>33</sup>, postou Bolsonaro, no dia 7 de agosto de 2020, em seu perfil no Twitter.

---

<sup>33</sup> Acesso para a publicação no Twitter: <[twitter.com/jairbolsonaro/status/1291867276422123522](https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1291867276422123522)>.

## Referências

- BENTES, Ivana. Biopolítica feminista e estéticas subversivas. **Matrizes**, v. 11, n. 2, p. 93-109, 2017.
- \_\_\_\_\_. Estado Milícia. **Revista Cult**, 26 de mai. de 2020. Disponível em: <[revistacult.uol.com.br/home/estado-milicia/](http://revistacult.uol.com.br/home/estado-milicia/)>. Acesso em: 27 de maio de 2020.
- BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- CHAGAS, Viktor. A febre dos memes de política. **Revista Famecos**, v. 25, n. 1, p. 1-26, 2018.
- \_\_\_\_\_. Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 34, p. 169-196, 2021.
- CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- COCCO, Giuseppe. Covid-19: a catástrofe latino-americana, entre a caça e a imaginação. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 14, n. 4, p. 814-819, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2019.
- HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.
- NAGLE, Angela. **Kill all normies: online culture wars from 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right**. United Kingdom: John Hunt Publishing, 2017.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- \_\_\_\_\_. **Política da Inimizade**. Portugal: Editora Antígona, 2017.
- PASQUINELLI, Matteo. "Google's PageRank algorithm: a diagram of the cognitive capitalism and the rentier of the common intellect". In: BECKER, Konrad; STALDER, Felix. (Org.). **Deep Search: The Politics of Search Beyond Google**. London: Transaction Publishers, 2009, p. 1-14.
- PRECIADO, Beatriz. **Terror anal y manifiestos recientes**. Buenos Aires: La Isla de la Luna, 2013.
- PRECIADO, Paul B. **Texto Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- SONTAG, Susan. **A doença como metáfora**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

VALENCIA, Sayak. **Capitalismo gore**. Espanha: Melusina, 2010.

\_\_\_\_\_. “Capitalismo gore: narcomáquina y performance de género”. In: GUZMÁN, Alejandra de Santiago. CABELLERO, Edith. ORTUÑO, Gabriela González. (Org.). **Mujeres intelectuales: feminismos y liberación en América Latina y el Caribe**. Buenos Aires: CLACSO, 2017, p. 371-388.

\_\_\_\_\_. Psicopolítica, celebrity culture y régimen live en la era de Trump. **Norteamérica**, v. 13, n. 2, p. 235-252, 2018.

VALENCIA, Sayak; ZHURAVLEVA, Olga Arnaiz. Necropolitics, postmortem/ transmortem politics, and transfeminisms in the sexual economies of death. **Transgender Studies Quarterly (TSQ)**, v. 6, n. 2, p. 180-193, 2019.

*Recebido: 29.07.2021*  
*Aprovado: 31.12.2021*